

Manual da Arquitetura Kamayurá

Anna Julia Dietzsch (coord.), Luis Octavio de Faria e Silva (coord.), Amanda Klajner, André Garcia, Annick Matalon, Cibele Forjaz, Clara Morgenroth, Flora Campos, Gabriela Rudge, Jorge Forjaz, Kerexu Guarani, Lígia Lanna, Luciana Fernandes, Luisa Valentini, Mariana Poli Gortan, Marina Sznajder, Paulla Mattos, Sabrina Dias, Sofia Boldrini, Thomas Weber
Escola da Cidade

Marcello Kamayurá (coord.), Kotok Kamayurá, Mayaru Kamayurá, Chikito Kamayurá, Salkumã Kamayurá, Jatobá Kamayurá, Mawalayá Kamayurá, Takumã Kamayurá, Kyrimatá Kamayurá, Mapulu Kamayurá, Turrun Kamayurá, Rosana Kamayurá e Povo Kamayurá
Aldeia Ipavu

Abstract

As casas Kamayurá implantam-se no perímetro da circunferência que conforma a aldeia, estabelecendo os limites entre o vazio central e o espaço doméstico dos quintais. Seus elementos estruturais são combinados com sofisticação, compondo um sistema construtivo coeso. Construída com materiais endêmicos da flora local, cada dono-construtor é responsável por construir sua ok'(oca) segundo as próprias medidas corporais, a partir da arquetípica "casa verdadeira".

A construção inicia-se com os mastros centrais; na sequência, mourões definem o perímetro da oca e traves horizontais no alto completam a fase inicial, servindo de âncora para receber a trama de elementos estruturais em arcos e anéis concêntricos. A estrutura resulta em duas cestas entrelaçadas, de dimensões monumentais, onde serão apoiadas as madeiras que recebem o sapé. As amarrações entre as peças são realizadas através de nós específicos com

nomenclaturas também próprias.

Assim como na aldeia a existência privada e doméstica concentra-se na periferia da circunferência e as deliberações políticas e rituais no centro, dentro da oca as extremidades também são locais de atividades privativas, onde amarram-se as redes, enquanto o centro configura-se pela convivência coletiva.

As casas Kamayurá constituem um importante patrimônio e através delas é possível admirar os saberes da Cultura que as vem construindo, sedimentada por séculos de interação com seu habitat. O Manual da Arquitetura Kamayurá é um projeto de iniciativa dos próprios Kamayurá, para auxiliar a perpetuação da prática de construção das casas tradicionais e, através delas, contribuir com a preservação do planeta, a partir da profunda possibilidade de existência delas decantadas.

Encontro

Em Julho de 2019, a partir de uma iniciativa do povo indígena Kamayurá, um grupo composto por alunos e professores da Escola da Cidade hospedou-se por três semanas na aldeia de Ipavú, no Território Indígena do Xingu, na missão de auxiliar a facção do Manual de Arquitetura Kamayurá. Neste sentido, as práticas adotadas para a confecção conjunta do Manual foram: oficinas de desenho coletivo, permitindo uma aproximação com o imaginário Kamayurá e com a própria aldeia (fotos 1, 5 e 9); produção de um grande mapa compreendendo o Território Kamayurá, no que compõe as aldeias, rios e lugares sagrados (fotos 4 e 10) e a produção de uma representação bastante precisa em planta e em elevação da oca realizadas pelos os mestres construtores (fotos 2,3,6 e 7).

manual da arquitetura kamayurá



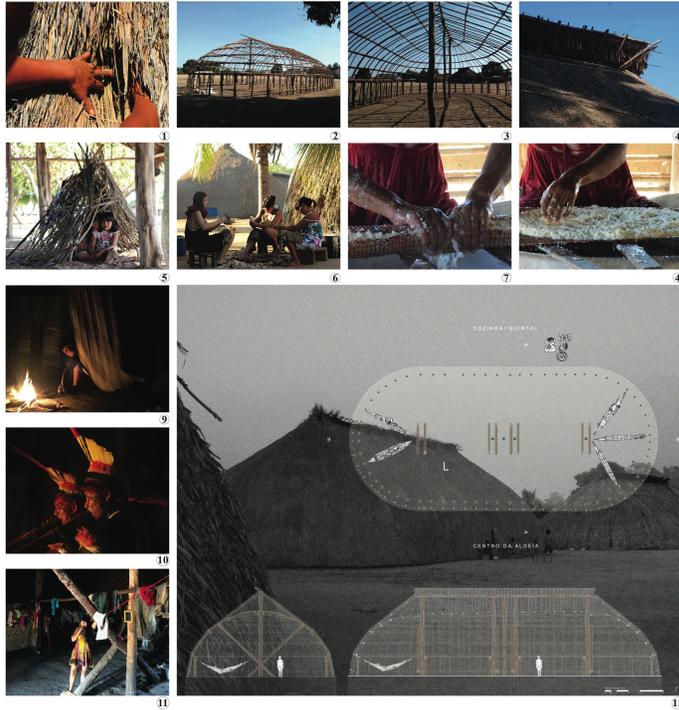
Prancha 01 – Encontro - Manual da Arquitetura Kamayurá - Julho 2019.

‘Ok Eté

A casa Kamayurá arquetípica (‘ok eté, a casa verdadeira) não encerra-se em si mesma, fazendo parte de um sistema de significados e práticas que abarcam vários aspectos da vida cotidiana e do conhecimento Kamayurá. Dentro da oca, como na própria divisão funcional da aldeia, as extremidades são locais de atividades privadas, onde ficam amarradas as redes, enquanto o centro configura-se pela convivência e atividades coletivas. A parte da casa voltada para o centro da aldeia serve, também, de transição e expansão quanto ao uso cerimonial externo.

Foi possível registrar a estrutura da oca descoberta e já finalizada com o sapé (fotos 1 à 4) na período da oficina, no qual foi produzido uma maquete pelas crianças como protótipo da oca (foto 5), além de planta e corte pelo grupo da Escola da Cidade (foto 12). O processo de produção da mandioca também é realizado nos arredores da casa e é parte da vida cotidiana das mulheres da aldeia (fotos 6 à 9), assim como os rituais (fotos 10 e 11).

manual da arquitetura kamayurá



Prancha 02 - ‘Ok Eté - Manual da Arquitetura Kamayurá - Julho 2019.

Manual

A construção inicia-se com os mastros centrais; na sequência, mourões definem o perímetro da oca e traves horizontais no alto completam a fase inicial, servindo de âncora para receber a trama de elementos estruturais em arcos e anéis concêntricos. A estrutura resulta em duas cestas entrelaçadas, de dimensões monumentais, onde será apoiado as madeiras que recebem o sapé. As amarrações entre as peças são realizadas através de nós específicos com nomenclaturas também próprias (foto 11).

Assim, os mestres construtores e lideranças Kamayurá realizaram desenhos em planta e vista das ‘ok em diferentes conformações (fotos 1 à 3 e 5 à 9). Posteriormente, foi realizado em conjunto entre o grupo da Escola da Cidade e os Kamayurá um modelo 3D, utilizado nas representações em etapas do manual (fotos 4, 10 e 11).

manual da arquitetura kamayurá



Prancha 03 – Manual - Manual da Arquitetura Kamayurá - Julho 2019.